

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA *AS TRANÇAS DE BINTOU* DE SYLVIANE A. DIOUF

Eveline Alvarez dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba/PPGLI

Imagem e Representação no Caminhar da Literatura Infanto-Juvenil

A literatura infanto-juvenil apresenta-se como um filão de uma linguagem a ser conhecida, pois nela reconhecemos um lugar favorável ao desenvolvimento do conhecimento social e à construção de conceitos. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado.

(Heloisa Pires Lima)

Ao pensarmos no caminhar da literatura infanto-juvenil no âmbito da Literatura Afro-Brasileira e Africana, podemos observar que os livros infantis assumem um papel de suma importância na educação das crianças e adolescentes.

Adentrando nas questões que rodeiam o mundo infantil, sabemos que o livro infantil é, para o educador da área, um elemento de trabalho e deve ser pensado como um agente transformador na formação de opinião de seus alunos.

Estamos num período em que as questões étnico-raciais estão passando por um processo de transformação. A partir da obrigatoriedade da inclusão da história e da cultura afro-brasileira e africana em várias áreas de estudo, a necessidade de repensar a postura do educador e do livro paradidático usado em sala de aula se tornou essencial nas discussões sobre a educação. Partindo deste pensamento, podemos nos valer de alguns elementos na sala de aula para reforçar o nosso papel de educadores na sociedade.

Durante muito tempo e ainda hoje, percebemos dentro da nossa literatura de maneira geral, uma tendência ao eurocentrismo. Seria quase impossível enumerar aqui as inúmeras vezes que nos deparamos com personagens infantis dentro desse padrão. No século XIX, podemos citar como ocorrência a obra *A noiva Branca e noiva Preta* dos irmãos Grimm, na qual as personagens negras eram representadas como perversas, ambiciosas e fisicamente eram tidas

como feias e assustadoras. No século XX, podemos nos remeter a alguns personagens da obra de Monteiro Lobato. É só lembrarmos de Tia Anastácia e tio Barnabé. Estes aparecem como personagens secundários nas histórias e sempre inferiorizados. Estão ali sempre para servir o homem branco.

O embate das lutas contra o racismo e estereótipos em relação às questões étnico-raciais deve ser também elemento de discussão na nossa sala de aula. O eurocentrismo na literatura em questão é real e deve ser desvelado, como podemos perceber através das oportunas palavras da professora Anória Oliveira:

Cabe, então, desvelar as *nuances* do eurocentrismo em nossas produções literárias, de modo a sinalizar caminhos plausíveis para a inserção dos segmentos étnico-raciais secularmente preteridos. Mas para tanto é necessário que, em primeiro lugar, haja uma efetiva sensibilização e conscientização dos (as) educadores (as) quantos às práticas racistas, considerando as implicações destas para a nação brasileira como um todo, e não só para a população negra e indígena, por exemplo (OLIVEIRA, 2009, p. 159).

Partindo deste pensamento, podemos nos valer de alguns elementos na sala de aula para reforçar o nosso papel de educadores na sociedade. Levar o livro da literatura infanto-juvenil para sala de aula e adentrar no mundo das palavras e das imagens proporciona a oportunidade de fazer com que o nosso aluno conheça suas raízes ou que saiba respeitar o diferente.

Percebemos, a partir de alguns estudos feitos na área da Literatura Afro-Brasileira e Africana, como o da estudiosa da área de literatura infanto-juvenil, Anória Oliveira, que os personagens negros dentro das histórias infantis, na maioria das vezes, são construídos e representados em cima de estereótipos já enraizados pela sociedade.

Se nos detivermos a escritores como Monteiro Lobato, podemos perceber que, em suas obras, podemos encontrar facilmente personagens que embasam estes estereótipos. No conto *Negrinha*, escrito por Lobato nos anos cinquenta, temos uma protagonista que é representada como uma órfã, escrava, ingênua e que é constantemente hostilizada durante toda a narrativa. Já no início do conto, o autor nos apresenta Negrinha de uma maneira inferiorizada e como parte de um mundo de sofrimentos:

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta?? Não. Fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida, vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre

farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças (LOBATO, 2000, p.78).

Personagens como Negrinha sempre estiveram e ainda estão presentes na nossa literatura. O que temos que pensar como educadores é na importância de [re] construir a opinião do nosso aluno leitor. Como fazer isso diante de tantos preconceitos e estereótipos já enraizados nos textos encontrados na nossa literatura infanto-juvenil? Essa é uma difícil questão para o professor educador e formador de opiniões, pois percebemos, através das imagens encontradas nos livros infantis, que o negro aparece, quase sempre, relacionado à pobreza, à erotização, à passividade e como seres inferiorizados.

Literatura infanto-juvenil e negritude

Quando estamos diante de palavras como *negritude* e *literatura*, sabemos que há muitas possibilidades de diálogos quando essas duas palavras se aproximam no âmbito escolar e cultural.

Durante muito tempo em nossa literatura, percebemos que a *negritude* se apresenta de várias formas, em diferentes épocas e nos mais diferentes estilos literários existentes. As questões ligadas às discussões afro-brasileiras e africanas têm estado em evidência a cada dia que passa no meio acadêmico e sociocultural. Segundo Zilá Bernd (1988), *negritude* é uma palavra que causa confusão devido às várias significações que possui. É uma palavra que carrega em seu conceito o fato de um indivíduo pertencer à raça negra, como também os valores históricos e culturais dados especificamente a essa raça. Bernd, tomando como base o dicionário Aurélio, afirma que a *negritude* é:

1) estado ou condição das pessoas de raça negra; 2) ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura ocidental (BERND, 1988, p.16).

Pautando-nos no conceito de Bernd, podemos dizer que *negritude* é um conceito que se manifesta através da história e que busca substituir o pensamento ocidental, por um pensamento de valorização à raça negra, que ficou perdido na fase colonial.

Esta retomada aos valores da cultura e da história afro-brasileira e africana está presente em várias áreas de discussões. A literatura, de uma maneira geral, é um lugar onde podemos encontrar manifestações do conceito de *negritude*; muitas vezes como um conceito que aparece diluído, velado, ou também de uma maneira mais transparente para o leitor.

Se vimos que falar em *negritude* é também falar de uma tentativa de se livrar de padrões eurocêntricos, podemos dizer que a literatura infanto-juvenil durante muito tempo, e ainda hoje, traz ao público leitor personagens dentro deste padrão.

Pensando na literatura infanto-juvenil e no seu papel também formador do aluno, dizemos que esta vai desempenhar um papel importante no processo de retomada da subjetividade negra. A professora Anória Oliveira, em seus estudos, nos traz o pensamento de Nelly N. Coelho (1993) sobre a importante função da literatura infanto-juvenil para o leitor jovem: “A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir, nesta sociedade-em-transformação: a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro; seja no “diálogo” leitor/texto estipulado pela Escola” (OLIVEIRA, 2009, p. 158 *apud* COELHO, 1993, p.14).

É a partir da presença destas nuances eurocêntricas presentes na literatura infanto-juvenil que o educador deve começar a repensar o seu papel em sala de aula e nas suas práticas didáticas. O educador precisa sentir como está rodeado por práticas racistas e assim desenvolver um trabalho que certamente perpassa pelo conteúdo escolar e pelo processo de formação da criança e do adolescente.

Sabemos que a literatura infanto-juvenil perpassa por uma questão imagética que não pode ser ignorada e quando falamos em representação é importante que tenhamos conhecimento de alguns conceitos concernentes à imagem. É de nosso interesse, neste momento da discussão, discorrer sobre estes conceitos.

Imagem e Representação

Imagem, palavra que a princípio parece simples de ser definida. Poderíamos apenas dizer, como leigos, que imagem é apenas aquilo que se vê e nada mais. Quando vamos além desse pensamento, tentamos entender o que determinada imagem significa ou o que ela representa.

Para Neiva (2006) a imagem é “basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade”, e é a partir dessa síntese que começamos a explorá-la com o intuito de alcançar um nível de compreensão através desta síntese.

Para Manguel (2001) as imagens têm a capacidade de nos informar. Ele nos afirma, através do pensamento aristotélico¹, que todo processo de pensamento requer imagens e que a nossa existência acontece através de um rolo destas:

[...] para aqueles que podem ver, a existência se passa num rolo de imagens que se desdobra continuamente, imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujo significado (ou suposição de significado) varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa existência. As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos (MANGUEL, 2001, p.21).

Através do pensamento de Alberto Manguel dizemos que, a partir da capacidade que temos de perceber uma imagem somada à interferência de outros sentidos, adentramo-nos no que nos é perceptível e formulamos pontos de vista que vão denunciar nossa visão e percepção de mundo, fazendo-nos questionar sobre a nossa própria existência e o mundo que nos rodeia.

Sabemos que a imagem é uma porta aberta para um mundo de impressões que nos rodeia, mas se faz necessário aqui entender como essas impressões de mundo nos chegam, trazendo-nos sensações capazes de alterar a nossa percepção.

Sobre essa relação de imagem e representação podemos nos remeter às palavras da estudiosa Lucia Santaella:

¹ “Ora, no que concerne à alma pensante, as imagens tomam o lugar das percepções diretas; e, quando a alma afirma ou nega que essas imagens são boas ou más, ela igualmente as evita ou as persegue. Portanto a alma nunca pensa sem uma imagem mental” (Aristóteles apud Manguel 2001, p.21).

O mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. Imagens, nesse sentido, são objetos materiais, signos que representam o nosso meio ambiente visual. O segundo é o domínio imaterial das imagens em nossa mente (SANTAELLA, 2008, p.15).

Dialogando com esta afirmação, podemos acrescentar que em todo o livro *As Tranças de Bintou* de Sylviane A. Diouf teremos diálogos entre imagens e palavras. A criança e o adolescente tem acesso a esse conjunto que o permite a repensar sobre as questões das diferenças.

As Tranças de Bintou de Sylviane A. Diouf

Lançado nos EUA em 2001 e no Brasil em 2004, este belo livro da literatura infanto-juvenil escrito por Sylviane A. Diouf, vai trazer ao leitor a vida de Bintou, uma menina africana que sonha em ter tranças como as mulheres de sua aldeia. Por ser ainda criança e com cabelos curtos, Bintou tem de se contentar com os seus pequenos birotos: “Meu nome é Bintou, e meu sonho é ter tranças. Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça. Tudo que tenho são quatro birotos na cabeça (DIOUF, 2004, p.2).

Observemos a seguinte imagem:

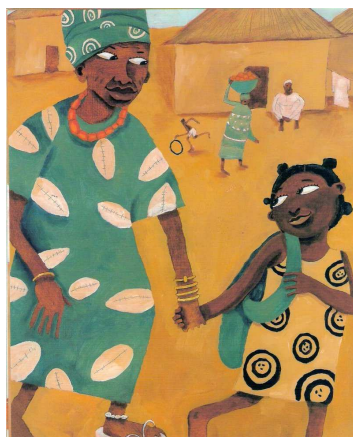


Imagem 1

Ao observarmos a imagem, podemos perceber de imediato, que a menina Bintou, representada positivamente, é uma personagem que está rodeada de coisas boas e valorizada como ser humano. É possível também perceber alguns aspectos da tradição africana: a vestimenta das personagens, os adornos; toda uma beleza e tradição que também estão voltadas para a valorização da família e do trabalho. A professora Anória Oliveira nos chama a atenção para a importância da obra. No momento em questão a compara com a obra *A África, meu pequeno Chaka* de Marie Sellier :

[...] é possível inferir que se trata de produções inovadoras em relação à caracterização e ilustração dos personagens negros, por corroborarem para a valorização e ressignificação da *negritude*, dentro do viés de ruptura com a inferiorização dos seres ficcionais delineados, *a priori*, positivamente. O espaço social é a África, e os mais velhos são a fonte de sabedoria, os infantes são astutos, ativos e altivos, e a ilustração não é caricaturada nos dois textos (OLIVEIRA, 2008, p.6).

Assim podemos dizer que, quando a menina Bintou começa a aprender com sua avó coisas importantes relacionadas à sua cultura e identidade africana, abre-se um diálogo sobre a importância histórica e cultural da África.

Com o tempo, a avó convence Bintou que, mesmo sem as tranças, ela é uma menina muito especial e que seus birotos são bonitos. A avó enfeita os birotos com laços azuis e amarelos, ela se olha no espelho e então se vê bonita: “Foi-se a menina sem graça com quatro birotos na cabeça. No espelho, aparece uma garota com um lindo cabelo olhando para mim” (DIOUF, 2008, p. 27). Podemos reiterar esta afirmação, a partir da imagem abaixo:

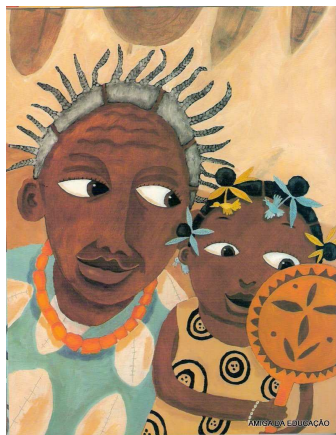


Imagem 2

Depois deste momento no livro, a menina percebe que mesmo pequena já possui beleza. Ela mesma se apresenta, como podemos observar na imagem abaixo: “Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O sol me segue, e sou muito feliz (DIOUF, 2004, p.3).

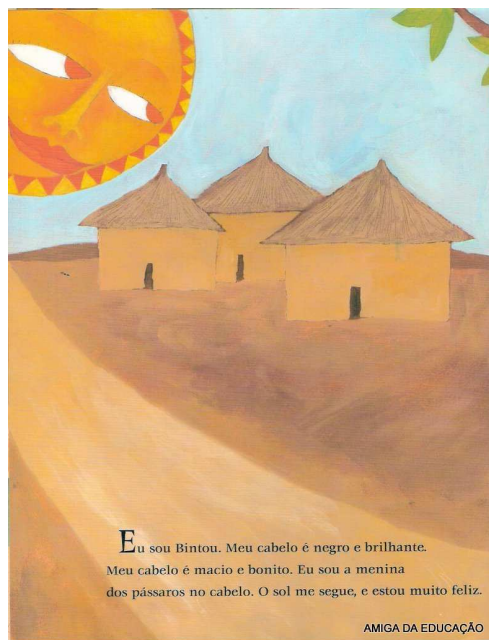


Imagem 3

Quando pensamos nos nossos alunos e leitores da literatura infanto-juvenil, podemos perceber o quanto um livro como o de *Diouf* pode fazer diferença em nossa sala de aula. Como as diferenças de raças e da identidade afro-descendente podem ser trabalhadas através das imagens e da representação que ela toma a partir de uma determinada leitura que fazemos dessas imagens.

Assim concluímos, que a construção da imagem positiva é importante para o universo infantil, uma vez que esta possui um valor para o imaginário da criança. Partindo deste pensamento, e como a menina Bintou está representada no livro de *Diouf*, o educador tem a possibilidade de abordar, em sua sala de aula, uma releitura sobre o ser humano em sociedade, em especial a figura do negro, através da linguagem verbal e não verbal.

Referências:

DIOUF, S. A. **As tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

LIMA, Heloísa Pires. **Personagens Negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil**. In: **OLIVEIRA, Maria Anória de J. Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

LOBATO, MONTEIRO. **Negrinha**. São Paulo Brasiliense, 1956.

MANGUEL, Alberto. O espectador comum: A imagem como Narrativa. In: **Lendo imagens: uma História de Amor e Ódio**. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

NEIVA Jr, Eduardo. **Imagem**. São Paulo. Ática, 2006.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003

_____. **Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros**. XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências. USP, São Paulo, Brasil, 2008.

SELLIER, Marie. **A África, meu pequeno Chaka**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.